

O MEU LUGAR NO MUNDO

Adão Francisco de Oliveira

(Historiador, Sociólogo, Pós-doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal de Tocantins)

Eu sou um ser do mundo. Me fiz assim ao longo de minha vida. O mundo me tem não por dinheiro; isso sempre me faltou à medida previdenciária e aventureira. O tenho na justeza das investidas e em desproporção ao meu atrevimento e coragem. Estes sim são os grandes responsáveis por eu me içar ao mundo, estranhando culturas, reconhecendo diferenças e explorando fronteiras.

Mas o mundo me tem pelo tempo de uma leitura, da gostosura de um sorriso largo, da degustação de um prato exótico, da bebida de uma garrafa de vinho. O meu contato com o mundo se efetiva num movimento pendular, no qual dialeticamente eu preciso ir, mas somente para poder voltar. Me relacionar com o mundo tem sentido não no mundo em si, na exterioridade de minhas relações cotidianas, na alienação de meus sentidos radicais, mas na realidade densa e conflituosa de minha casa, de minha terra, de meu chão.

Eu preciso ir para voltar. O “*ir*”, para mim, só se completa na volta. É na volta que as diferenças e as alteridades daquele lugar, do outro lugar, do meu não-lugar se tornam inteligíveis e inspiração para pesquisas, investigações e novas escritas. Isso certamente faz de mim um sujeito telúrico e, em certa medida, provinciano. Ser provinciano e alheio ao estrangeiro e ao metropolitano não me limitam. Não à minha razão; me reconheço e me contemplo sendo o que sou.

Eu posso estar no mundo, mas **eu sou é no meu lugar**. Ser, com toda a prerrogativa da existência, me é possível no meu lugar, o meu lugar no mundo. Por isso eu preciso voltar, diferentemente de tanta gente que vai e fica, e espicha, e segue rumo. A essas pessoas a experiência com o mundo é uma necessária sequência incontida de novas sensações. São caminhos que só vão; como cantou Milton Nascimento expressando o desejo de um sertanejo mineiro num carro de boi: “*estrada de terra que só me leva, só me leva; nunca mais me traz*”. Este caminho não me conduz, porque eu preciso do retorno, da curva que traz de volta, de pendularizar o movimento da partida.

Este ser que vos escreve só pode ser do mundo se ele puder voltar. A experiência no meu lugar me permite aquilo que chamei em minha dissertação de mestrado de *aconchego de identidade*. Este é um conceito próprio que acomoda o entendimento da existência do sujeito nos lugares em que ele se contempla. **Este lugar, para mim, é a minha casa**, cujo significado não é tão simples. A minha casa não se limita estritamente à minha residência, mas ela se faz dos lugares nucleares onde a minha existência identifica aconchego de identidade. Logo, a minha casa é a minha residência, é a cidade de Palmas, é a UFT, mas é também a casa de minha mãe onde vivi a infância e a adolescência, é o bairro Capuava, é Goiânia, é a UFG.

Me relacionei com várias dimensões do mundo recentemente. Viajei para o exterior e para outros estados no Brasil, participei de eventos, fiz palestras, organizei atividades científicas, coordenei processos acadêmicos e de intercâmbio, ministrei formações, realizei pesquisas e construí articulações políticas. O ano de 2023 foi um ano muito intenso e eu precisava me refugiar em meu aconchego de identidade para acomodar as informações, refletir sobre os sentidos e aprender sobre o que vivi. Então eu voltei ao Capuava...

O Capuava, bairro da periferia pobre de Goiânia, tem as dimensões, as cores e os sentidos da minha leitura do mundo. Na última quinta-feira eu fui à feira do bairro. A cada dois passos que eu dava eu era abordado por algum antigo vizinho: falei com a Dona Delva e tive notícias dos amigos Wellington, que vive no Texas, e Wener, que vive em Boston, ambos nos EUA; na sequência fui abordado pela Vera “Branca” (no bairro tem uma Vera “Preta” também) e por seu esposo, Seu Pedrinho, que me noticiaram sobre Registro do Araguaia, cidade de onde são e onde os meus pais se casaram (município onde, recentemente, o Eguimar comprou uma casa de veraneio); da Cristina, esposa do Paulinho, eu soube dos filhos com quem eu jogava futebol; da Cídia fui informado do aniversário da Nenem; e, por fim, de seu Mauro eu ouvi uma interessante interpretação sobre o porque deste bairro “*não ir pra frente*”.

Voltei pra casa de minha mãe repleto de uma alegria revigorante! Da casa de minha mãe eu volto a Palmas, Tocantins, pronto para encarar o 2024. O meu lugar no mundo me prepara para o mundo, para onde eu vou, somente para voltar.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.